

**Deus ex machina:**  
**Sobre *I, Robot*, de Isaac Asimov**  
Miguel Ramalhete Gomes  
CETAPS/FLUP

Apresentação no Clube de Leitura da FEUP, na sessão “*Eu, Robot* – Isaac Asimov”  
16 de Fevereiro de 2012

Gostava de começar por agradecer o convite para vir aqui falar um pouco sobre esta colecção de contos de Isaac Asimov, *I, Robot*. Agradeço também porque este convite me permitiu finalmente escrever algumas páginas sobre este autor que li com tanto prazer durante a adolescência e a que, incidentalmente, voltei há alguns meses à procura de um conforto familiar após terminar uma tese sobre Shakespeare e Heiner Müller. Queria ainda acrescentar, nestas palavras introdutórias, que, no entusiasmo de preparar esta sessão e provavelmente por deformação profissional, comprei o livro em inglês e só mais tarde me apercebi que a sessão se referia a uma tradução portuguesa, por isso peço que me desculpem as minhas traduções improvisadas dos poucos passos que tenciono citar.

A escolha desta colecção de contos é uma escolha feliz não só por incluir alguns dos melhores textos de Asimov, mas também por mostrar claramente o estilo do escritor. Ao contrário de muitos outros escritores de ficção científica, os textos de Asimov são singularmente estáticos. Há uma tendência marcada para longas páginas de diálogo em que as personagens resolvem problemas discursivamente, num formato muito próximo do do romance policial, que Asimov também praticou. Longe estão ainda os grandes romances maçudos que Asimov escreveu mais para o fim da vida, por um lado com a intenção de criar uma continuidade no seu universo ficcional – à maneira da banda desenhada – e por outro lado por pressão editorial. Como é frequente neste meio, as editoras encomendavam romances com um número fixo de palavras; este elevado número de palavras, fixado contratualmente, é responsável em parte pela exagerada dimensão dos romances tardios de Asimov e pelo seu estilo algo pastoso, em tudo diferente do estilo destes contos iniciais.<sup>1</sup>

---

<sup>1</sup> Refiro-me sobretudo aos seguintes romances: *The Robots of Dawn*; *Robots and Empire*; *Foundation's Edge*; *Foundation & Earth*; *Prelude to Foundation*; *Forward the Foundation*.

A importância de políticas editoriais não é de negligenciar mesmo no caso desta coleção. Uma nota no início do volume explica que todos os contos foram publicados separadamente, ao longo de 10 anos, e numa ordem diferente daquela que agora conhecemos. As secções a itálico, com que Asimov liga os vários contos, são uma invenção posterior e criam uma ordem narrativa que não está necessariamente presente nos vários contos originais. Esta ordem prende-se ainda com uma das estratégias narrativas de Asimov, que passo a explicar. Tal como na saga da *Fundação*, Asimov conta o futuro como a história do futuro, ou seja, como um historiador com inclinações literárias contaria o futuro se este já tivesse acontecido. Tanto *I, Robot* como muitos outros livros de Asimov se oferecem aos seus leitores como romances históricos do futuro. É um traço desta auto-consciência de Asimov que tantas das suas personagens se interessem por romances históricos, tanto nos romances sobre robots como nos romances da *Fundação*. O enquadramento específico de *I, Robot* é, como sabemos, o da reportagem jornalística, ou seja, um género documental. A propensão pseudo-histórica destes textos é marcada pelo uso sistemático de datas e por um progresso tecnológico linear: cada conto indica ou pressupõe um salto no desenvolvimento tecnológico dos robots. Este progresso linear, que, sublinho, não seria tão visível nos contos tal como publicados originalmente, é estabelecido sobretudo nos acrescentos em itálico – a tal reportagem jornalística.

Para nós, em 2012, há aspectos destes contos que são já anacrónicos ou vagamente embaraçosos. Nestes contos, escritos na década de 1940, não há naturalmente referência a computadores, excepto para dizer que as “máquinas de cálculo” teriam sido substituídas pelo cérebro positrónico (Asimov 1996a: p. 9). A função dos computadores é cumprida pelos robots, o que a nós nos pode causar alguma confusão. Em romances posteriores, Asimov introduz discretamente os computadores, mas não lhes concede os traços humanizantes – racionais e emocionais – que parecem acompanhar os robots com forma humanóide destes contos. Estes computadores não mostram sinais de inteligência ou de vida emocional artificial. A sua aparição discreta nos romances tardios poderá estar ligada a um certo embaraço por parte do próprio Asimov, que teria certamente notado a estranheza de fazer surgir a invenção de robots com nuances emocionais antes da invenção dos computadores, sendo os primeiros paradoxalmente mais avançados do que os segundos, embora os segundos, os

computadores, cumpram funções instrumentais – e, acrescente-se, mortíferas – que os robots parecem incapazes de cumprir.

Essa estranha inversão pode estar relacionada com um pressuposto não questionado de que a inteligência artificial deveria surgir necessariamente aliada a uma forma humanóide. Tanto quanto sei, esse pressuposto é actualmente dispensado na investigação sobre inteligência artificial, como aliás seria de esperar, do nosso ponto de vista contemporâneo. Um cérebro artificial, para usar uma metáfora já por si antropocêntrica, não precisaria de um corpo humanóide para desenvolver inteligência. O mal estaria em projectar sobre um objecto mecânico pressupostos que são da ordem do humano, como acontece precisamente na metáfora do cérebro artificial. A personagem Susan Calvin, num destes contos, diz precisamente que “As desordens humanas aplicam-se aos robots apenas enquanto analogias românticas” (p. 86).

Por outro lado, e apesar do que acabei de dizer, o desenvolvimento dos robots é evidentemente antropomorfizado nestes contos. Um destes robots começa por tentar raciocinar a sua existência à maneira de Descartes – “Eu mesmo existo, porque penso” (p. 66). Este pensamento inclui outro já problemático, em que o robot põe em causa a plausibilidade de ele, um ser complexo e superior, ter sido criado por humanos (p. 62). Daí em diante, vemos robots que se interessam por ficção e que desenvolvem um sentido de humor. No entanto, estes três interesses – filosofia, ficção e humor – são apresentados como desvios patológicos, pelo que mais normal é o fenómeno de um robot se revelar incapaz de entender o sentido figurado ou pragmático de um enunciado. O tema dos robots que interpretam literalmente frases que vão além do seu sentido literal é recorrente na ficção científica. Neste caso, trata-se de um robot que entende literalmente a frase “Go lose yourself” (p. 140), que poderíamos traduzir como “Desaparece”, ou “Desaparece-me da frente”, pelo que trata de se fazer perder no meio de outros robots fisicamente idênticos a ele. Curiosamente, neste conto, é-nos dito que os robots conversam entre si, o que revela uma inteligência e capacidade de socialização que vão além do seu mero uso instrumental (p. 152).

Asimov desenvolve ainda a ideia de que um ser inteligente irá, mais tarde ou mais cedo, ter problemas com o facto de estar relegado ao estatuto de servidor de uma espécie que provavelmente encara como inferior. É-nos dito que teria sido implantado um complexo de escravidão ou servidão nos robots (p. 42), o que os faz tratar os humanos como “senhor” ou “mestre” (*master*) e que os faz aceitar o termo pejorativo

“rapaz” (p. 151) – no original, “boy”, o que, no contexto norte-americano, é um termo especialmente forte, por recuperar a forma como os brancos nos Estados Unidos tratavam os afro-americanos até meados do século XX. A conclusão de Susan Calvin é de que todos os seres vivos se ressentem ao serem dominados por outros e que a única coisa que impede a revolta é a Primeira Lei, segundo a qual um robot não pode fazer mal nem deixar que aconteça nada de mal a um ser humano.

Nos contos finais, este problema passa a ser tratado de forma mais subtil, à medida que os robots assumem o domínio da sociedade, primeiro no caso de um robot que se faz passar por humano e depois com as Máquinas, uma espécie de super-computadores que administram uma sociedade global. O tema da criação de robots com o intuito de ajudar a espécie humana cedo se transforma no tema da dependência dos seres humanos em relação aos robots – desde a dependência emocional do primeiro conto à dependência administrativa do último, passando pela absoluta necessidade de robots para o desenvolvimento tecnológico. Neste livro, é um robot que inventa o motor hiperatômico e é-nos dito no último conto que as Máquinas são o resultado de uma extrapolação multiplicada por dez vezes; ou seja, é criado um robot com a capacidade de criar outro robot superior a ele e assim por diante, pelo que, a certa altura, as Máquinas são mecanismos tão complexos que escapam à possibilidade de verificação e controlo humanos (p. 226). Neste ponto, os humanos revelam-se incapazes de perceber ou mesmo intervir no funcionamento das suas próprias criações. Incidentalmente, esta ideia surge parodiada no livro *À Boleia pela Galáxia (The Hitchhiker's Guide to the Galaxy)*, de Douglas Adams, em que o computador Deep Thought é capaz de fornecer a resposta à pergunta fundamental sobre a vida, o universo e tudo o mais – para os metafísicos que aqui estiverem, a resposta, já agora, é 42 –, mas não consegue descobrir qual é a pergunta, pelo que se vê obrigado a criar um computador infinitamente mais complexo do que ele próprio (cf. Adams 2005: pp. 183-187).

Voltando a este último conto de Asimov, vemos que as Máquinas, por via das Três Leis, se revelam capazes de administrar a sociedade humana tão melhor do que os seres humanos que chegam ao ponto de proteger a humanidade de si mesma, quer esta queira quer não – desmontando conspirações e comprometendo um grupo que milita contra os robots. Como Susan Calvin explica, “Os robots são, na sua essência, decentes” (Asimov 1996a: p. 199), pelo que “Se for possível criar um robot capaz de ser um administrador civil, penso que seria o melhor administrador imaginável. De acordo com

as leis da Robótica, ele seria incapaz de fazer mal a humanos, incapaz de tirania, de corrupção, de estupidez e de preconceitos” (p. 218). Seria aquilo a que Calvin chama um “deus ex machina”, num duplo sentido (p. 224). A expressão – um deus saído da máquina – refere-se a um mecanismo do teatro da Grécia antiga, em que um enredo complicado era resolvido por via de uma agência externa e improvável, literalmente um deus que descia até ao palco com a ajuda de um guindaste. No nosso caso, esse deus que tudo resolve é ele mesmo uma máquina, um robot.

No entanto, encontramos já aqui um problema a que Asimov voltará em romances posteriores: o problema do paternalismo. Os robots impedem os conflitos e o perigo frequentemente inerentes a momentos de acelerado desenvolvimento social e tecnológico. O argumento nestes últimos romances de Asimov, literariamente menos subtil mas filosoficamente interessante na mesma, é de que os robots travam o desenvolvimento humano, que é historicamente provocado por momentos de crise, pelo que a opção das sociedades humanas a partir de certa altura, nesses romances, é de deixar permanentemente de usar robots. Esse abandono é de tal forma radical que, 20.000 anos depois, no universo ficcional da *Fundação*, os robots foram completamente esquecidos, embora não tenham deixado de ter influência nos acontecimentos humanos. Aprenderam, contudo, a deixar de tentar evitar acontecimentos potencialmente catastróficos, mas eventualmente produtivos.<sup>2</sup>

Este problema liga-se a uma questão importante na ficção de Asimov, presente nas últimas páginas do último conto e recorrente em romances posteriores: a questão do motor da história. O que produz acontecimentos históricos, o que os influencia e faz mudar de rumo? Terá o indivíduo ou mesmo a vontade de populações inteiras influência no decurso da história? Asimov dá várias respostas e vai-as revendo nos seus vários romances. Neste último conto, a resposta é que não. Cito uma parte do diálogo final:

- Não sabemos [para onde vamos]. Só as Máquinas o sabem, e estão a ir nessa direcção e a levar-nos com elas.
- Mas está a dizer-me, Susan, que a “Sociedade pela Humanidade” tem razão; e que a Humanidade de facto perdeu a capacidade de decidir o seu próprio futuro.
- Na verdade, nunca a teve. Esteve sempre à mercê de forças económicas e sociológicas que não entendia – à mercê dos caprichos do clima e dos volte-faces da guerra. (...) Pense que, para todo o

---

<sup>2</sup> Cf. *Foundation & Earth*.

sempre, todos os conflitos são finalmente evitáveis. Apenas as Máquinas, a partir de agora, serão inevitáveis! (pp. 248-249)

Nos romances da *Fundação*, o tema da psichistória pretenderá precisamente negar a agência volitiva de indivíduos e massas.<sup>3</sup> Apenas a acção conjunta de toda a população humana, resumida a leis matemáticas da história, faz a história mover-se e, aparentemente, nada se pode fazer contra isso. É esta a forma que Asimov dá à história nesses romances. É um ponto de vista que é muito do seu tempo e muito pouco na moda actualmente. No último conto da colecção, o ser humano já nada pode fazer contra os planos das Máquinas – tal como antes outros factores contextuais haviam impedido a acção de indivíduos ou mesmo de grupos reduzidos de pessoas. Num dos seus romances finais, *Foundation's Edge*, Asimov, possivelmente desconfortável com uma filosofia da história que deixa o indivíduo impotente, deixa que seja uma personagem humana a decidir o rumo da história futura, mas, incapaz de abandonar as suas preocupações essenciais, atribui a construção do futuro a várias figuras substitutas – uma comunidade de líderes iluminados mas “invisíveis”, um robot com capacidades sobre-humanas, uma forma de inteligência colectiva. Todas estas figuras têm algumas coisas em comum: são elas que conduzem a história, mas fazem-no na sombra, sem terem sido escolhidas para a função que vão cumprir, e passando por cima dos desejos das massas que conduzem. Asimov não se consegue livrar da imagem do tirano benevolente. Embora Asimov tente legitimar essas figuras, não consegue evitar a necessidade, quase neurótica de tão repetitiva, de atribuir o governo da espécie humana a uma entidade superior que decide o que é melhor para todos. Em *I, Robot*, esse papel cabe aos robots, que cedo se apercebem da sua crescente superioridade e, sendo embora as criações dos humanos, logo assumem o papel paternal (e paternalista) de condutores da humanidade.

Finalmente, o desaparecimento dos robots nos romances posteriores de Asimov mostra apenas um dos maiores problemas da ficção, de que Asimov se terá, a certa altura, apercebido. O problema é este: sem conflito não há acção narrativa, como a seguinte história ilustra. O dramaturgo Heiner Müller conta que, numa entrevista com o escritor francês Jean Genet, o entrevistador terá feito a seguinte pergunta: “deseja então um mundo melhor? Um mundo à medida dos seus sonhos políticos?”; ao que Genet terá

---

<sup>3</sup> Cf. *Foundation*; *Foundation & Empire*; *Second Foundation*; *Foundation's Edge*; *Foundation & Earth*; *Prelude to Foundation*; *Forward the Foundation*.

respondido: “Por amor de Deus, se o mundo fosse tal como eu desejasse que fosse, deixaria de ter motivos para escrever” (Müller 2005 IX: p. 227).

O que vemos nesta colecção de contos de Asimov é mais do que uma experiência de antecipação científica sobre robótica e inteligência artificial – um tema fascinante sobre o qual, no final de contas, não sou qualificado para falar. Para além desses dois temas, no entanto, encontramos aqui uma reflexão profundamente ambivalente sobre a questão do governo e administração de uma sociedade humana, sobre a questão do peso da agência e vontade de indivíduos nesse governo, e sobre a questão da dominação de um ser inteligente por outro e conseqüente ressentimento. Esta questão é, como disse, profundamente ambivalente, porque, neste e noutros livros, Asimov não parece conseguir decidir-se entre uma visão da história em que os indivíduos intervêm decisivamente e uma visão da história em que são forças abstractas e sistémicas que determinam o curso dos acontecimentos. No contexto de uma crise capitalista que vemos desenrolar-se perante os nossos olhos, cumprindo passo após passo a receita económica, social e política que conduziu ao surgimento dos fascismos há cerca de 90 anos, esta é uma questão que, longe de estar ultrapassada, pelo contrário urge discutir de novo.

### **Obras consultadas**

Adams, Douglas (2005). *The Hitchhiker's Guide to the Galaxy*. Film Tie-in Edition with an Afterword by Robbie Stamp. Londres: Pan Books.

Asimov, Isaac (1985). *The Robots of Dawn*. Londres: Panther (Granada Publishing).

---. (1990). *Robots and Empire*. Londres: Grafton Books.

---. (1994). *Forward the Foundation*. Toronto: Bantam Books.

---. (1995a). *Foundation*. Londres: Harper Collins Publishers.

---. (1995b). *Second Foundation*. Londres: Harper Collins Publishers.

---. (1996a). *I, Robot*. Londres: Harper Collins Publishers.

---. (1996b). *Foundation & Empire*. Londres: Harper Collins Publishers.

---. (1996c). *Prelude to Foundation*. Londres: Harper Collins Publishers.

---. (1996d). *Foundation's Edge*. Londres: Harper Collins Publishers.

---. (1996e). *Foundation & Earth*. Londres: Harper Collins Publishers.

Müller, Heiner (2005). *Werke 9 – Eine Autobiographie*. Frankfurt/M.: Suhrkamp.